

EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE (II)

A partir de uma Comunidade Indígena

Uma das características mais evidentes e marcantes da educação na nossa sociedade são a recreação e a competitividade. A educação chega a ser sinônimo de recreação. Quando um filho é rebelde demais, escola não é: quanto ao segundo aspecto, a escola ensina bem direitinho: os que tem melhores notas, que obedecem mais, avançam; os que tem mais dificuldades, que criam mais problemas, ficam para trás e acabam abandonando a escola. Tanto é que pesquisas recentes mostram claramente o alto índice de evasão escolar, que começa na escola primária e vai afinilando até chegar na universidade, mata que muito poucos alcançam.

Na sociedade indígena estas duas constantes não existem. É o que mais chama a atenção de observador atento, e até o confunde. Um pai Kulina simplesmente não tem como obrigar um filho a lhe ajudar a trabalhar. O que vale é a persuasão. Se o menino ou menina não se convencem, ninguém conseguirá obrigá-los a fazer qualquer tarefa. Da mesma forma, o chefe da tribo não tem poder para obrigar o seu povo a fazer qualquer empreitada. Ele tem um único poder e este ainda sob o controle da comunidade: o poder da palavra. Ele fala e deve saber falar bem, do contrário perde todo o seu prestígio e valor como chefe. Se, mediante a sua fala, ele consegue convencer a comunidade da importância da tarefa que está propondo, ela se realiza com a maior naturalidade. Caso contrário, não. Assim são as coisas entre os Kulina no Acre.

Quanto ao segundo aspecto, a competitividade. Os povos indígenas, em geral, apresentam um alto grau de habilidade manual. Assim, todo o artesanato indígena é altamente sofisticado e bem cotado na nossa sociedade. Tanto a mulher como o homem dependem dessa habilidade para desempenharem as fun-

ções que suas sociedades deles esperam. Seja a rede para dormir, seja o material de caça e pesca, seja o pilão ou a canoa, o ar-
pão ou o remo, cada pessoa deve saber produzir todo o necessário para a sua sobrevivência. Por isso, numa comunidade indígena o que vale não é a competição, já que todos devem saber fazer todas as coisas. O que vale é a capacidade para fazer tais coisas. E para adquirir tal capacidade, todos os adultos se sentem responsáveis diante das crianças para que elas aprendam. Assim, um menino aprende a pescar, a caçar, a plantar, a fabricar suas ferramentas desde cedo e não só com o pai, mas também com o tio, o primo ou até o cunhado, quando é o filho menor. Da mesma forma, a menina aprende a fiar algodão, a fabricar pote de barro, a tacer a rede com a avó, a mãe ou a irmã mais velha desde cedo. Porque ela sabe que quando crescer vai chegar a sua vez de não só saber fazer como também ensinar.

Roberto E. Zwetsch

dez/84